Valeu a pena o estágio

Samate, no regresso de Lisboa

Dom. 10/5/87

Evidentemente que esta viagem vai marcar uma fase da minha obra. Não em termos de criação, mas em termos de técnica, já que tive a oportunidade de pesquisar novas experiências, novos materiais — assim disse o pintor moçambicano Samate Mulungo, regressado há uma semana de uma viagem que o levou a um estágio de dois meses e meio, essencialmente em Portugal.

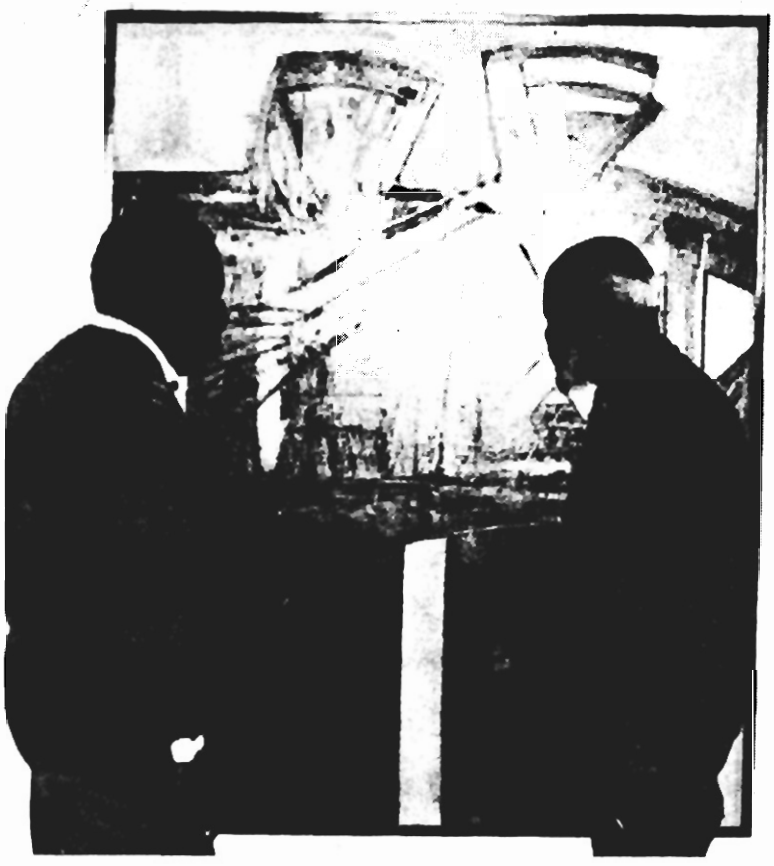
Samate Mulungo, pintor de moderna plástica, chegara a Lisboa na primeira semana de Fevereiro, tendo trabalhado durante várias semanas no atelier do serígrafo português António Inverno, artista conhecido nos meios artísticos da nossa capital.

Valeu muito a pena ter efectuado este estágio em Lisboa, já que, para além de ter criado bastante — o suficiente até para uma exposição — pude desenvolver outras técnicas de pintura, trabalhando, por exemplo, em acrílico — disse Samate, que durante o tempo em que esteve ausente do País efectuou igualmente uma viagem de uma semana à Espanha, onde teve o ensejo de visitar a concorrida Feira do Arco, para lá de museus e galerias, também em companhia de António Inverno.

Samate disse que após o estágio feito em Lisboa, ganhou uma outra noção de obra de arte, pois — segundo explicou — reparou que tanto os artistas locais como os críticos e apreciadores, «*julgam a obra em função do seu valor e nível artístico e não, por exemplo, do material que se usa, se tela, cartão ou outros.*»

No nosso país, implantou-se uma certa noção de que uma obra de pintura tem que ser feita em tela; dentro das carências materiais que sentimos em Moçambique, cheguei à conclusão de que é de luxo a nossa exigência da tela. No meu estágio, pude ver que podemos satisfatoriamente pintar em outros materiais, até porque vi inclusivamente alguns dos grandes nomes da pintura portuguesa utilizarem cartolina, cartão, papel de caqui e outros — acrescentou ainda Samate Mulungo.

Efectivamente, em Lisboa Samate Mulungo muito deve ter aproveitado do seu estágio, dois meses e meio em que se entregou por completo à criação com base em novas experiências. Em breve passagem pela capital portuguesa, o autor destas linhas pôde constatar o ritmo de trabalho que o artista teve, trabalhando desde a manhã, até altas horas da noite, no atelier desse valioso artista e homem que é António Inverno.



Mas, para lá da devoção que teve pelo trabalho de atelier, Samate Mulungo teve a oportunidade igualmente de trocar ideias e experiências sobre a pintura em contactos tidos com vários outros artistas portugueses, a quem os considera «*bastante solidários.*»

De Lisboa, Samate Mulungo traz algumas das obras que lá criou, obras que provavelmente estarão em exposição em Novembro próximo em Maputo, numa mostra promovida pela Horizonte Arte Difusão, entidade, que foi a patrocinadora do seu recente estágio.

Mais do que as palavras podem dizer do resultado das experiências alcançadas no referido estágio, certamente que a exposição, marcada para Novembro, irá demonstrar o quanto valeu esse trabalho. A ver vamos.

A. J.